

COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

O ano de 2003 se inicia mostrando os seguintes resultados do emprego industrial: na comparação com dezembro, houve aumento de 0,3%, porém, descontados os efeitos sazonais, o indicador mostra uma virtual estabilidade (0,1%). O índice mensal apontou expansão de 1,0%, a terceira consecutiva da série, enquanto que o acumulado dos últimos doze meses passou de -0,9% em dezembro, para -0,7% em janeiro últimos.

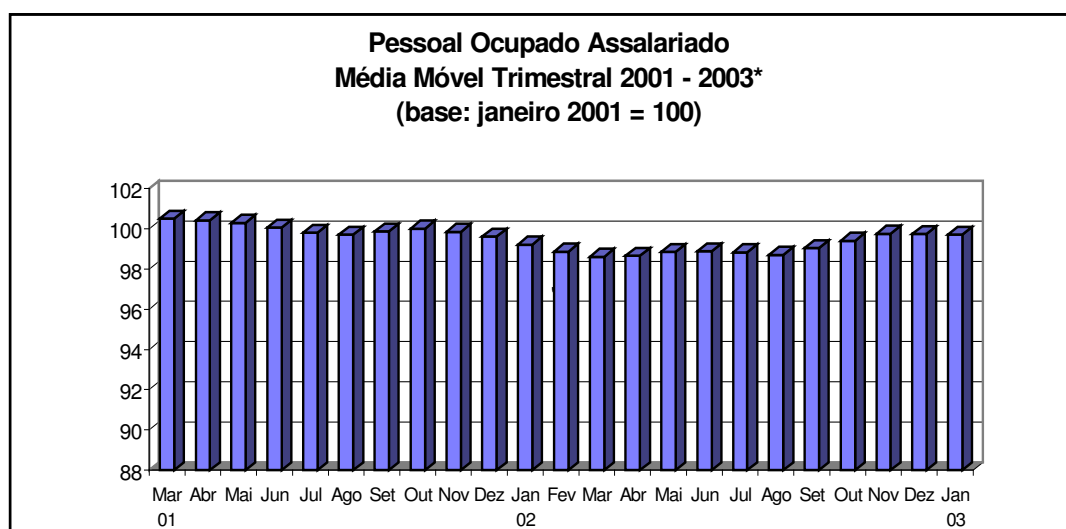
Entre janeiro e dezembro, oito dos quatorze locais registraram acréscimos no número de empregados. O principal destaque positivo na formação da taxa global do país (0,3%) foi o estado do Rio Grande do Sul, com a marca mais elevada (2,0%), enquanto que, respondendo pelos principais impactos negativos, sobressaíram a região Nordeste e Minas Gerais, ambos com redução de 0,6%. Por atividade, treze dos dezoito ramos mostraram expansão, sendo que os segmentos de vestuário (1,5%) e calçados e couro (1,7%) tiveram maior peso nas contratações.

Na comparação janeiro 03/janeiro 02, o contingente de trabalhadores aumentou 1,0%, mantendo, assim, o quadro de resultados positivos observado nos últimos dois meses de 2002. Nove áreas e segmentos industriais registraram taxas positivas, sendo que as principais contribuições foram exercidas pelos setores de alimentos e bebidas (5,3%) e máquinas e equipamentos-exclusive elétricos (8,7%), entre as atividades e por Santa Catarina (5,7%) e Norte e Centro-Oeste (3,6%), entre os locais. Nota-se ainda que, neste mês, a indústria paulista mostrou a primeira taxa positiva (0,6%), impulsionada pelo aumento do emprego também nas indústrias alimentar (10,9%) e de máquinas e equipamentos-exclusive elétrico-eletrônicos e de comunicação (13,9%). Em sentido contrário, Rio de Janeiro (-3,9%)

reduziu com mais intensidade o número de pessoas ocupadas, sendo também de maior relevância a sua contribuição entre os locais que apresentaram queda. Por ramo industrial, foram mais importantes os recuos assinalados em outros produtos da indústria de transformação (-6,0%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-4,3%).

A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, aponta queda de 0,7%, porém menos acentuada do que as observadas em novembro (-1,1%) e dezembro (-0,9%). Os desempenhos adversos de seis locais e doze ramos industriais foram responsáveis por este resultado. Nesta comparação, permanece o quadro de resultados negativos acumulados pelos estados do Sudeste, mais precisamente São Paulo (-2,6%) e Rio de Janeiro (-4,8%), enquanto que o segmento de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-11,5%) ainda desponta com a principal influência negativa setorial.

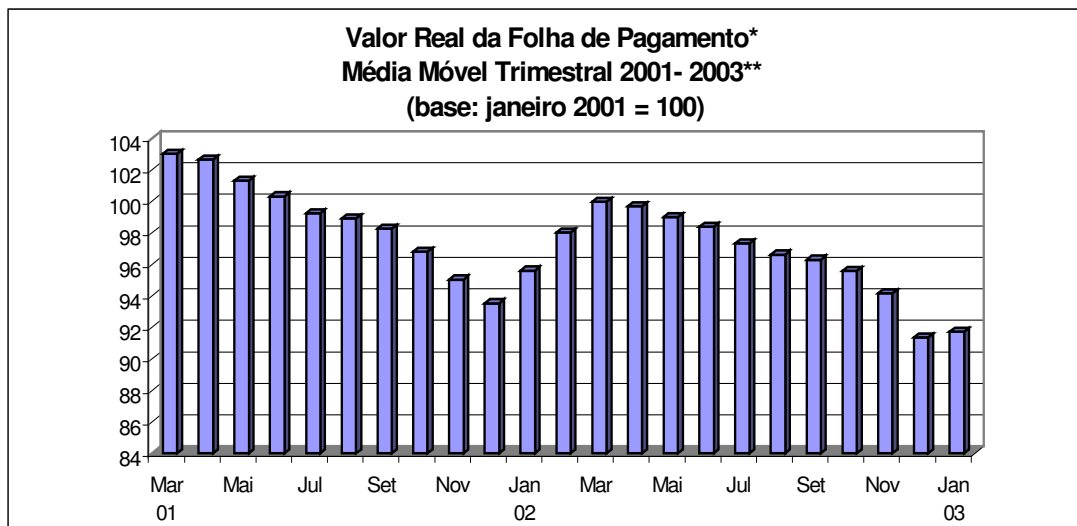
Por fim, o indicador de médias móveis trimestrais, livre da sazonalidade, aponta uma trajetória de estabilidade do emprego industrial.



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria
 * Série com ajuste sazonal

FOLHA DE PAGAMENTO

O setor industrial volta a aumentar, em termos reais, o valor da folha de pagamento de seus empregados na passagem de dezembro para janeiro: expansão de 8,6%, na série livre de influências sazonais, após três meses consecutivos em queda. Os índices de média móvel trimestral, gráfico a seguir, confirmam este quadro de melhora: de dezembro para janeiro há uma interrupção na trajetória declinante iniciada em abril do ano passado. Nos demais indicadores, no entanto, permanece o quadro de queda: -4,5% frente a janeiro de 2002 e -2,6% no acumulado dos últimos doze meses. No que tange ao valor médio da folha de pagamento, verificam-se recuos no confronto com janeiro/02 (-5,4%) e no acumulado nos últimos doze meses (-2,0%).



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria

* deflacionado pelo IPCA-IBGE

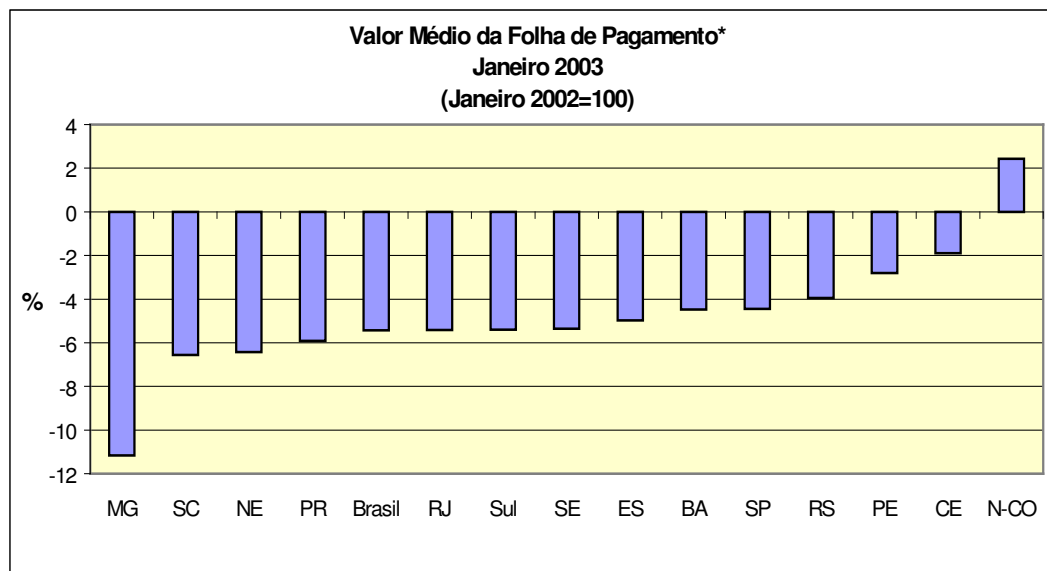
** Série com ajuste sazonal

Na comparação com janeiro do ano passado, apenas as indústrias das regiões Norte e Centro-Oeste (6,1%) e do Ceará (2,4%) aumentam, em termos reais, o valor da folha de pagamento. A maior redução, em nível regional, é observada em Minas Gerais (-12,5%). Neste estado o

setor produtor de meios de transporte, com recuo de 39,6%, exerce a principal pressão no cômputo geral, influenciado por uma base de comparação bastante elevada (janeiro de 2002), devido à concessão de participação nos lucros e resultados. Já a maior influência negativa na formação da taxa global é exercida pela região Sudeste (-5,6%) e por São Paulo (-3,9%). Nos demais locais os resultados são: Rio de Janeiro (-9,1%), região Nordeste (-6,4%), Bahia (-5,7%), Pernambuco (-5,3%), Espírito Santo (-4,8%), Paraná (-3,0%), região Sul (-2,0%), Rio Grande do Sul (-1,9%) e Santa Catarina (-1,2%).

Ainda no confronto janeiro 03/janeiro 02, no total do país observam-se reduções na folha de pagamento da maior parte (quinze) dos dezoito segmentos investigados, ficando os maiores impactos na composição da taxa global com as indústrias produtoras de meios de transporte (-7,0%), de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-9,7%) e de produtos químicos (-5,7%). Apenas os setores de alimentos e bebidas (3,5%), de calçados e couros (2,1%) e de máquinas e equipamentos - exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (2,1%) elevam o valor da folha de pagamento neste comparativo.

A queda de 5,4% registrada no valor médio da folha de pagamento na comparação janeiro 03/janeiro 02 resulta de decréscimos em treze dos quatorze locais pesquisados. As maiores reduções são observadas em Minas Gerais (-11,2%), Santa Catarina (-6,6%) e região Nordeste (-6,4%), e apenas a região Norte e Centro-Oeste (2,4%) mostra expansão na folha média. Nos demais locais as taxas oscilam de -5,9% no Paraná a -1,9% no Ceará.



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria
* deflacionado pelo IPCA-IBGE

Por fim, segundo o indicador acumulado nos últimos doze meses, o valor real da folha de pagamento continua, em nível nacional, mostrando uma trajetória declinante na passagem de dezembro (-2,4%) para janeiro (-2,6%), movimento este também assinalado pela folha média de pagamento (de -1,5% para -2,0%).

NUMERO DE HORAS PAGAS

Em janeiro, o indicador de horas pagas volta a ser positivo tanto na comparação com o mês anterior, já descontados os componentes sazonais (0,3%), quanto no comparativo com o igual mês do ano anterior (0,5%). O indicador dos últimos doze meses, apesar de negativo aponta uma tendência de recuperação, uma vez que passa de -1,3% em dezembro, para -1,1% em janeiro.

O indicador mensal registrou aumento de 0,5%, sendo esse o acréscimo mais elevado da série histórica, nesse tipo de comparação. Nove dos quatorze locais pesquisados exibem aumento nas horas pagas. Santa Catarina (4,9%), Nordeste (2,6%) e Paraná (3,2%), por ordem de influência, respondem pelos principais impactos positivos, principalmente, pelo aumento das horas pagas nos setores de vestuário (Santa Catarina) e alimentos e bebidas (Nordeste e Paraná). As

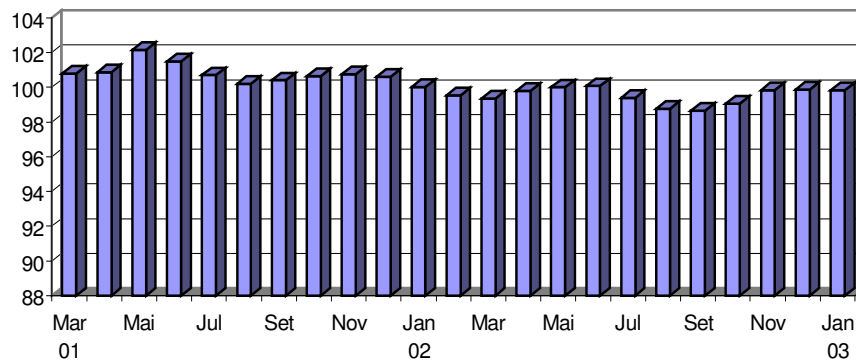
reduções observadas nas indústrias de Minas Gerais (-2,6%), São Paulo (-0,7%), Rio de Janeiro (-3,0%), e como consequência na região Sudeste (-1,3%), foram as maiores contribuições negativas na formação da taxa global.

Setorialmente, ainda no indicador mensal, as principais pressões positivas foram exercidas pelos setores de alimentos e bebidas (5,7%) e máquinas e equipamentos exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (5,8%), e as negativas por fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-6,9%) e borracha e plástico (-4,1%).

O indicador acumulado nos últimos doze meses ainda é negativo para o total das horas pagas (-1,1%), porém acima dos de novembro (-1,5%) e dezembro (-1,3%). A maior influência negativa é determinada pelos recuos observados em São Paulo (-3,4%) e como consequência na região Sudeste (-3,1%). Com quedas figuram, ainda, Rio de Janeiro (-4,9%), Minas Gerais (-1,5%) e Bahia (-1,3%). Os locais com desempenhos positivos são: Santa Catarina (3,2%), Ceará (2,5%), região Norte e Centro-Oeste (2,3%), Pernambuco (2,2%), região Sul (1,4%), Espírito Santo, Paraná e Nordeste (todos com 1,1%). O Rio Grande do Sul apontou crescimento nulo. No total do país, quatorze setores assinalam recuo nas horas pagas pela indústria. Neste confronto, o maior impacto negativo vem do ramo de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-11,8%), e o positivo, do de alimentos e bebidas (5,1%).

No que se refere à trajetória dos índices de média móvel trimestral da jornada de trabalho, o trimestre encerrado em janeiro (-0,2%) confirma a estabilidade observada desde novembro de 2002, acompanhando assim o movimento apontado no emprego.

Número de Horas Pagas
Média Móvel Trimestral 2001 - 2003*
(base: janeiro 2001 = 100)



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria
*Série com ajuste sazonal